1938 – ODOR DE GUERRA

Winston Churchill

O atentado perpetrado contra a Áustria e a subjugação da sua magnífica capital, com toda a sua glória, cultura e contribuição para a história da Europa, feriram-me profundamente. Desde o dia seguinte a estes acontecimentos, em 14 de Março, que tomei a palavra na Câmara dos Comuns:

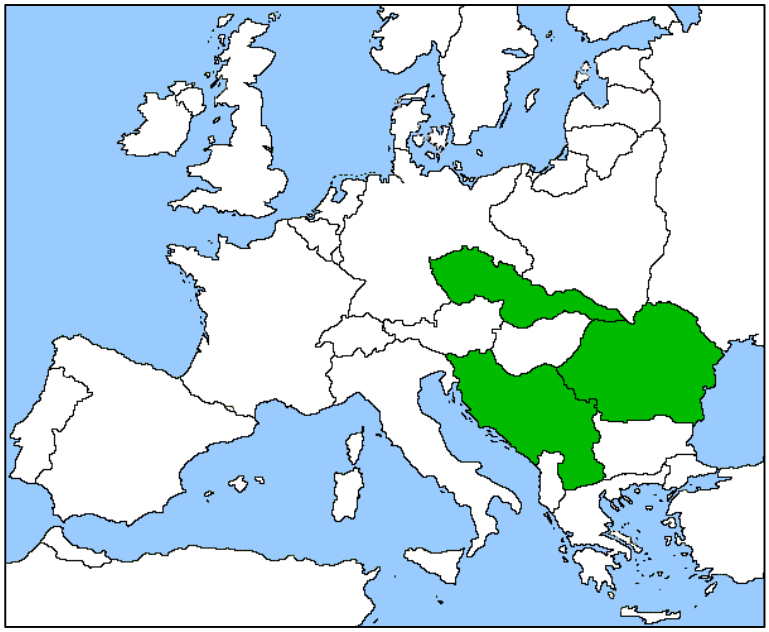
> A gravidade dos acontecimentos de 12 de Março não pode ser exagerada. A Europa encontra-se perante um programa de agressão, cuidadosamente preparado e escalonado, o qual se executa etapa após etapa. Uma única escolha se nos oferece, não só para nós como para os outros países: ou nos submetemos, como a Áustria, ou decidimos, enquanto é tempo, a tomar medidas eficazes para afastar o perigo, e, sendo impossível afastá-lo, para o enfrentar. Se continuarmos à espera dos acontecimentos, que quantidade de recursos, ainda utilizáveis para a nossa segurança e manutenção da paz, vamos nós desperdiçar? Quantos amigos iremos alienar? Quantos aliados eventuais veremos tombar, um após outro, na hedionda voragem? Quantas vezes o bluff sairá vencedor, até que, por detrás do bluff, forças incessantemente crescentes estabeleçam uma temível realidade?... *Onde estaremos nós daqui a dois anos, por exemplo, quando o Exército Alemão for, seguramente, mais forte do que o Exército Francês*, e quando todas as nações pequenas tiverem fugido de Genebra para prestarem homenagem à potência cada vez mais preponderante do regime nazi e dele obterem as melhores condições possíveis?

E acrescentei:

> Viena é o centro das comunicações de todos os países que constituíam o velho império Austro-Húngaro, e de todos os países situados no sudeste da Europa. Uma grande parte do curso do Danúbio encontra-se hoje nas mãos dos Alemães. A posse de Viena confere à Alemanha nazi o domínio económico e militar do conjunto das comunicações da Europa do Sudeste: estradas, rios e vias férreas. Qual é o efeito deste estado de coisas sobre a estrutura da Europa? Qual é o efeito sobre o que designamos por equilíbrio de forças, tal como se apresenta actualmente, e sobre o que chamamos de Pequeno Entendimento?[1] Tenho de dizer uma palavra sobre este grupo de potências que são abrangidas pela designação de Pequeno Entendimento. Consideradas separadamente, as três nações que compõem o Pequeno Entendimento podem ser consideradas como potências de segunda ordem; mas são Estados muito robustos e muito vigorosos; e, reunidos, constituem uma grande potência. Estes Estados têm estado até agora, e ainda estão, unidos por rígidos acordos militares. No seu conjunto, constituem o complemento de uma grande potência e da sua máquina militar. A Roménia possui os seus petróleos; a Jugoslávia os seus minérios e matérias-primas. Ambas possuem exércitos importantes e são principalmente alimentados, em munições, pela Checoslováquia. Para os ouvidos ingleses, o nome de Checoslováquia soa de forma bizarra. Não há dúvida de que se trata apenas de um pequeno Estado democrático; é indubitável que o seu exército é só duas ou três vezes mais forte do que o nosso; também não há dúvida de que não fabrica senão três vezes mais munições do que a Itália. Mas, apesar disso, trata-se de um povo viril; tem os seus direitos, os direitos dos seus

[1] O Pequeno Entendimento foi uma aliança criada, em 1920-1921, pela Checoslováquia, Roménia e Jugoslávia. (Nota do tradutor)

tratados, possui uma linha de fortificações e manifestou de forma vibrante a sua vontade de viver, a sua vontade de viver livre.



Países do Pequeno Entendimento

A Checoslováquia está, actualmente, isolada, simultaneamente nos planos económico e militar. O seu fluxo comercial por Hamburgo, baseado no tratado de paz, pode, naturalmente, ser fechado de um momento para o outro. Presentemente, as suas comunicações ferroviárias e fluviais com o Sul, e mais além, e com o Sudeste, podem igualmente ser cortadas a qualquer momento. O seu comércio pode ser onerado com direitos de passagem com um carácter destrutivo; pode sofrer um verdadeiro estrangulamento. Eis um país que, ainda há pouco, constituía a maior região industrial do velho império Austro-Húngaro. Actualmente, encontra-se isolado, ou pode assim ficar de um só golpe, a menos que, nas discussões que se vão seguir, sejam tomadas medidas para a salvaguarda das suas comunicações. A Checoslováquia pode ser, subitamente, cortada da fonte das suas matérias-primas na Jugoslávia, e dos mercados naturais que estabeleceu neste país. A vida económica deste pequeno Estado pode ser praticamente estrangulada, no seguimento do acto de violência que foi perpetrado na noite de sexta-feira. Uma cunha foi cravada no coração do que designamos por Pequeno Entendimento, esse grupo de nações que têm tanto o direito de viver na Europa sem serem molestados como nós mesmos temos o direito de viver em paz sobre a nossa terra natal.

Foram os Russos que deram o alarme e que, em 18 de Março, propuseram uma conferência para examinar a situação. Queriam discutir, ao menos nas suas grandes linhas, os meios para estender o pacto franco-soviético à escala da Sociedade das Nações, na eventualidade de uma grave ameaça alemã contra a paz. Esta proposta foi acolhida sem entusiasmo em Londres e Paris. O governo francês estava distraído com outras preocupações. Nas fábricas da aviação haviam rebentado greves muito sérias. Os exércitos de Franco avançavam profundamente no território da Espanha comunista. Chamberlain estava, ao mesmo tempo, céptico e deprimido. Estava em profundo desacordo comigo quanto à interpretação dos perigos que nos esperavam e dos meios de os combater. Eu havia insistido sobre as perspectivas de um projecto de aliança entre a Rússia, a Inglaterra e a França, onde via a nossa única esperança de contenção da investida nazi.

Segundo Feiling[2], o primeiro-ministro exprimiu o seu pensamento numa carta dirigida à sua irmã, em 20 de Março:

> Esta ideia de "grande aliança", como lhe chama Churchill, ocorreu-me muito antes dele lhe ter feito menção... Falei disso com Halifax[3] e submetemos a ideia aos chefes dos estados-maiores e aos especialistas do *Foreign Office*. É uma ideia muito sedutora; quase não há senão que dizer bem a seu respeito, até ao momento em que nos pomos a perspectivar a forma de a pôr em execução. A partir desse momento, o encanto desvanece-se. Basta deitar um olhar para o mapa para nos apercebermos disso: nada do que a França ou nós pudéssemos fazer seria suficiente para impedir a invasão da Checoslováquia pelos Alemães, se estes a isso se decidissem... Consequentemente, abandonei qualquer ideia de oferecer garantias à Checoslováquia, ou à França no que concerne às suas obrigações para com este país.[4]

Pelo menos, tratava-se de uma decisão. Embora fundada em maus argumentos. Nas guerras modernas, opondo grandes nações ou grupos de nações, não é somente através de esforços locais que podemos defender esta ou aquela zona. É o inteiro equilíbrio da frente de guerra que se encontra em jogo. Isto é ainda mais verdade a respeito da política anterior ao início das hostilidades, quando a guerra ainda pode ser evitada. "Os chefes dos estados-maiores e os especialistas do *Foreign Office*" não tinham, seguramente, realizado um grande esforço intelectual para fazer saber ao primeiro-ministro que a Marinha Britânica e o Exército Francês não podiam posicionar-se sobre a frente montanhosa da Boémia, para se interporem entre a República Checoslovaca e o exército de invasão nazi. Isso era muito evidente, bastando olhar para o mapa. Mas a certeza de que o atravessamento da fronteira da Boémia implicaria uma conflagração geral na Europa poderia muito bem, mesmo nessa data, impedir ou retardar um novo acto de violência da parte de Hitler. Mas quão erróneo parece ser este raciocínio do Sr. Chamberlain, íntimo e ponderado, quando nos reportamos à garantia que ele mesmo iria dar à Polónia, *menos de um ano* mais tarde, depois de todo o valor estratégico da Checoslováquia já ter sido sacrificado, e de o poder e o prestígio de Hitler ter quase duplicado!

In Winston Churchill, *The Second World War*

Tradução de David Martelo, a partir da versão francesa da obra – *Mémoires sur la deuxième Guerre Mondiale – Vol. I – L'Orage Approche – D'Une Guerre à l'autre – 1919-1939*, Plon, Paris, 1948, pp. 277-280. – Julho de 2019

[2] Keith Fieling, biógrafo de Neville Chamberlain. (Nota do tradutor)
[3] Edward Frederick Lindley Wood, 1.º Conde de Halifax, desempenhava, desde Fevereiro de 1938, as funções de ministro dos Negócios Estrangeiros. (Nota do tradutor)
[4] FIELING, Keith, *Life of Neville Chamberlain*, p. 347-348.